

ARMANDO AUGUSTO DE GODOY ENTRE AS ARTICULAÇÕES DA REMODELAÇÃO DA FORMA URBANA COLONIAL E A CONCEPÇÃO DE CIDADES NOVAS NO BRASIL.

Celina Fernandes Almeida Manso¹ (celina.manso@hotmail.com)
Rodrigo Santos de Faria² (rod.dfaria@gmail.com)

Resumo:

O artigo focaliza, a partir de uma interpretação das concepções e interlocuções de Armando Augusto de Godoy, o campo da cultura urbanística em construção no Brasil, entre as primeiras décadas do século XX. O presente texto caracteriza-se pela discussão atenta às singularidades de cada momento, no manejo de diferentes maneiras e escalas interpretativas. Os deslocamentos de Minas Gerais para o Rio de Janeiro e para Goiás fizeram com que Godoy participasse ativamente nas intercorrências das transformações urbanas da cidade colonial do Rio antigo, da mudança da capital do Estado de Goiás e da concepção e construção do núcleo urbano inicial de Goiânia. Representante ativo da engenharia brasileira Godoy revela-se possuidor de dinamismo e de vasta literatura especializada, tendo visitado importantes cidades norte-americanas e europeias. A sua trajetória profissional esteve vinculada a uma atuação cuidadosa e definitiva em proveito da coletividade. Destaca-se por apresentar espírito pesquisador e articulador de problemas técnicos de toda ordem. Seus textos constitui importante legado de informações da urbanística brasileira apreciadas na primeira metade do século XX e sendo referências para os estudiosos da cidade nos dias atuais. Mesmo com inúmeros estudos mais recentes que renovam as interpretações sobre o tema a urbanização das cidades brasileiras, constituídas durante o império e ao longo da república, ainda tem merecido poucos estudos.

Palavras-chave: Armando Augusto de Godoy; Rio de Janeiro; Goiânia.

¹ Professora Mestra e Orientadora no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Goiás/UNUCET de Anápolis.

² Professor (Adjunto III / DE) do Departamento de Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo (DTHFAU-FAU-UNB). Professor e Orientador (Mestrado e Doutorado) no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-UNB. Membro do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade / CIEC-UNICAMP - <http://gphuc-cnpq.blogspot.com.br/>

1. Introdução

O artigo focaliza, a partir de uma interpretação das concepções e interlocuções de Armando Augusto de Godoy, o campo da cultura urbanística em construção no Brasil, entre as primeiras décadas do século XX. O presente texto caracteriza-se pela discussão atenta às singularidades de cada momento, no manejo de diferentes maneiras e escalas interpretativas, na remodelação da forma urbana colonial do Rio de Janeiro e na concepção da forma-espço de Goiânia, cidade nova planejada, capital e moderna.

Desde a invenção da escrita os registros criticando a cidade tem sido implacáveis. E mesmo assim as pessoas se amontoaram em cidades e as suas qualidades também foram evidenciadas. As cidades, do mesmo modo que seus habitantes são uma mistura de coisas boas e ruins. No livro *Sedução do Lugar: a história e o futuro da cidade, cap. 1 – Como chegamos lá*, Joseph Rykwert expõe duas imensas ondas de populações rurais que se abateram sucessivamente sobre as cidades do mundo, inundando e inchando o tecido urbano quase até a sua ruptura. A primeira onda deu a forma para o tecido urbano que conhecemos de fins do século XVIII a início do XIX. A outra onda recente e muito maior, que ainda não se abateu, tomou impulso em meados do século XX. Rykwert (2004) aponta, ainda, a tessitura física da cidade como sendo o principal documento e testemunho desse processo de transformação urbana. Joga luz ao tema com o intuito de mostrar que a cidade é uma parte preciosa, essencial e inalienável das realizações humanas - por vezes um esplêndido cenário para as ações humanas (RYKWERT, 2004. p. 5/7).

A formação do urbanismo, no período entre 1859-1913, tem como objetivo controlar o crescimento da cidade e sistematizar a cidade existente. É com a formação deste campo disciplinar que emerge a ideia do planejamento para dar respostas a situações insustentáveis nas cidades europeias. As respostas saneadoras do urbanismo do início do século XX levam a cidade compacta rumo a descentralização. Para Portas, Domingues e Cabral (2003) a explosão urbana requer, para sua compreensão, uma atenção especial para o entendimento dos novos fenômenos. Entendem que a explosão urbana não pode ser explicada simplesmente pela evolução demográfica, pela especulação imobiliária e nem pela ineficiência dos instrumentos de planejamento. Na opinião de Andre'Corboz a situação do urbanismo do século XX pode ser sintetizado como o urbanismo próximo ou fora da cidade, ligado ao conceito inovador de cidade-jardim (1900-1930).

Durante o século XIX e início do século XX, os *travaux publics* – as grandes aberturas de vias do barão Haussmann, em Paris, as experiências do Ring e depois da rede ferroviária metropolitana, em Viena, o exemplo de um possível desenvolvimento radial, em Berlim, revelam o papel exemplar das cidades capitais de maior e mais rápidas

transformações no setor comercial e de serviços, e também na densidade do tecido edificado, mas sobre tudo, lugares de crescimento incontrolável em direção as áreas periféricas, mesmo conservando aspectos fundamentais de sua fisionomia. (CALABI, 2012. p. 167/189).

No início do século XX, mudam o papel, a escala e as características físicas dos centros econômicos, as cidades se expandem no seu entorno, dilatam e diluem as relações centro-periferia e modificam os terrenos ocupados pelas indústrias. Os fatores mais importantes que contribuíram para a explosão das cidades são a urbanização maciça, a industrialização e a revolução dos transportes. O urbanismo, nesse período, aparece nos discursos técnicos de forma sistematizada, passando a ser discutido em revistas, cujos títulos geralmente estavam relacionados à arquitetura ou à engenharia, pois a racionalização propiciada pelo saber técnico permitiu aos engenheiros agir de um modo geral, com amplo respaldo da elite local, exercendo importante papel na política municipal.

2. Objetivo

Pretende-se discutir, a partir da interlocuções de Armando Augusto de Godoy, as articulações entre a historiografia da cidade e do urbanismo tendo como exemplos os casos das transformações urbanas do Rio de Janeiro e de criação de cidades novas, planejadas, destacando a cidade de Goiânia que caracterizam as concepções urbanas presentes na tessitura física das cidades no século XIX e início do século XX.

3. Materiais e Métodos

Para pensar a cidade do futuro é importante lembrar que a história, a tradição e os modelos passados não são letras mortas, mas fontes à espera das novas chaves do presente, para decifrar nelas novos conceitos, sentidos e alternativas para o futuro.

Para a tarefa historiográfica delinea-se o desafio de estudar o passado, os projetos que constituíram e formaram as cidades atuais e em que medida eles apontam alternativas futuras. Articular o passado com o futuro é o problema da pesquisa historiográfica. Segundo Brandão (2004) todo trabalho historiográfico é uma interpretação, e toda interpretação é uma apropriação e não uma descrição ou explicação (BRANDÃO, 2004. p.216/218).

Trazendo como parâmetro de reflexão as interlocuções de Armando Augusto de Godoy, tecendo textos e contextos dos processos definidos como relacionais, pretende-se aproximar do processo de desvalorização e afastamento das características de cidade colonial brasileira e da constituição-construção da origem do evento da cidade moderna no Brasil. De modo a iniciar as discussões, considerando as rupturas e continuidades das

transformações urbanas e da criação de cidades novas, planejadas, optou-se pela pesquisa exploratória e descritiva.

4. Rio de Janeiro e o modo de pensar a cidade com a chegada da corte real

Armando Augusto de Godoy, nasceu na cidade de Volta Grande, em Minas Geras, e lá permaneceu até 1892. Neste mesmo ano, ele vai para o Rio de Janeiro para continuar seus estudos e se preparar para se ingressar na escola Politécnica. As passagens ou deslocamentos de Armando Augusto de Godoy revelam três regiões brasileiras como palco de sua atuação: Minas Gerais, Rio de Janeiro e Goiás. Estas regiões brasileiras foram identificadas na sua trajetória de formação cultural e acadêmica e na sua atuação profissional. É na cidade do Rio de Janeiro, que sua ação e emergência se dão. Como agente social ele foi empregado no comércio, estudante, engenheiro civil, urbanista, funcionário público, escritor, palestrante, conferencista e morador da cidade.

Armando Augusto de Godoy, Ex-Lente Catedrático do Colégio Militar do Rio de Janeiro, Ex-Presidente da Comissão do Plano da Cidade do Rio de Janeiro, com atuação profissional em importantes lugares institucionais para a prática e divulgação da importância do urbanismo, se formou urbanista no exercício cotidiano das suas atividades como servidor público. Ao longo de sua vida, colabora para várias publicações de artigos, e vê na escrita uma forma de manter a sua voz, um modo contínuo de questionamento e reflexão sobre a realidade ao seu redor e sobre as transformações urbanas da cidade do Rio de Janeiro. A carência de infraestrutura urbana deste período, fez com que engenheiros, técnicos da prefeitura, médicos sanitaristas e intelectuais discutissem e reclamassem uma solução para o crescente problema.

Muitos princípios adotados nas grandes intervenções urbanas realizadas no Rio de Janeiro no início do século XX estavam fundamentados na maneira de pensar a cidade do Rio de Janeiro no século XIX, a partir da chegada da corte real. Neste processo de mudança torna-se necessário desvincular a cidade de sua característica e fisionomia colonial. Com as grandes transformações, as contradições sociais se tornaram evidentes, acentuadas pelas fortes epidemias. Novos hábitos eram necessários e a desprovida colônia precisava de um governo organizado e de instituições administrativas, de escolas, estradas, bancos, fábricas para sua adaptação à função de sede do Império.

A missão francesa de 1816, chefiada por Joaquim Lebreton e composta de artistas franceses formados pela Academia de Artes Francesa, no mais rigoroso estilo neoclássico, e os novos hábitos europeus contribuíram para modificar o comportamento dos moradores e o cotidiano no Rio de Janeiro. A maioria dos projetos neoclássicos deste período, apresentados nas exposições públicas da Academia, é destinada a ficar no papel.

Destaca-se, porém o plano de Grandjean de Montigny³, com questões fundamentais que só seriam resolvidas mais tarde.

Em 1874 foi nomeada uma Comissão de Melhoramentos da cidade do Rio de Janeiro composta pelos engenheiros Francisco Pereira Passos, Jerônimo Rodrigues de Moraes Jardim e Marcelino Ramos da Silva. *Esta Comissão apresenta dois relatórios, um em 1875 e outro em 1876, apontando como preocupação questões de higiene, controle e indução do desenvolvimento da cidade, pavimentação, abertura e alargamento de vias. Além de representarem a síntese do pensamento urbanístico do momento, estes relatórios ratificam os pareceres higienistas e recuperam as propostas do Plano Beaurepaire de 1843 ao propor o arrasamento dos morros de Santo Antônio Castelo e Senado e as vultosas demolições e desapropriações.* (CARVALHO, 2014).

A proposta de abertura de ruas retilíneas cortando a cidade velha só será realizada no início do século XX, pelo prefeito Pereira Passos no momento da “modernização” da cidade do Rio de Janeiro. A permanência de treze anos da corte portuguesa no Brasil provocou uma série de transformações profundas, decisivas e aceleradas pela qual a cidade passaria. A população dobrou, passando de cerca 50 a 60 mil habitantes para 100 a 120 mil, entre 1808 e 1821. Nova exigência surge ao fazer convergir todas as atenções para o Rio de Janeiro. Verifica-se o início de um processo de metropolização do Brasil-Colônia. *As mesmas transformações que aproximavam a cidade dos atributos europeus, tornando-a mais limpa, iluminada, com teatros e modas cortesãs, afastavam-na de suas características coloniais.* (SILVA, 2012, SCHULTZ, 2008 citado em CARVALHO, 2014).

O Rio de Janeiro e a questão nacional sempre estiveram profundamente correlacionados na história do Brasil. A cidade tem, em vários momentos, sido cenário e objeto de intervenções moralizadoras e racionalizadoras, pretensamente exemplares para o resto do país. Assim foi na fase de Pereira Passos, quando o Rio de Janeiro assume papel semelhante pela construção de uma nova cenografia e de novos emblemas. Godoy descreve as primeiras grandes transformações urbanas e os seus principais autores no Rio de Janeiro. Entre os auxiliares de presidente Rodrigues Alves (1902-1906), na remodelação da capital republicana, destacou o nome do prefeito Francisco Pereira Passos, no projeto de modernização da cidade do Rio de Janeiro (1902-1906).

No início do século XX, Francisco Pereira Passos coloca em prática a primeira intervenção sistemática e direta do Estado sobre o espaço urbano na capital da República. O governo empreendeu uma grande reforma dos bairros e ruas da antiga capital federal inspirada nos padrões dos modernos centros urbanos europeus e nas

³Considerado o primeiro grande urbanista que teve o Rio de Janeiro e o primeiro técnico do Brasil, fora da área da saúde, que se preocupou com a higiene dos edifícios (TAUNAY, 1956).

premissas haussmannianas. Contudo, esse processo de modernização foi realizado graças a uma série de desapropriações que expulsaram as populações pobres do Rio de Janeiro de seus casebres e cortiços. O “bota-abaixo” dos primeiros anos do século XX e uma série de novas maneiras de se pensar a cidade que se desenvolveram a partir da transferência da corte portuguesa são algumas premissa da proposta da Comissão de Melhoramentos que nasceram no século XIX e que foram concretizadas nas primeiras décadas do século XX.

5. A remodelação da Capital do Rio de Janeiro e o Urbanismo

Para Godoy um plano geral e completo de remodelação da Capital do Rio de Janeiro deveria corresponder à *"sublimidade do grandioso cenário"* em que ela vivia e se desenvolvia. No movimento de mudanças e modernização, o Rio de Janeiro desempenhou um papel importante na definição do novo perfil da nação brasileira. É nessa conjuntura que surge Alfred Hubert - Donat Agache. Poucos engenheiros manifestaram apoio a contratação de um profissional de reputação mundial para elaboração de um Plano de Remodelação do Rio. Godoy será figura chave na contratação de *Agache para* a reestruturação da Cidade do Rio de Janeiro. Defendera a ideia da contratação de um urbanista de larga experiência não só para realizar o referido plano, mas também para formar um quadro profissional na administração pública da qual fazia parte. O olhar sobre a cidade, neste período, passa de uma análise meramente estética/espacial para uma leitura social da mesma. Percebe-se que na sua atuação profissional no Rio de Janeiro, durante as décadas de 20 à 40, Godoy esteve sempre sintonizado com a prática profissional urbanística do exterior, o que levaria a elaboração de uma concepção urbanística nacional atualizada com o debate internacional.

Godoy fora defensor do *"Plano Agache"*, tornando-se figura de máxima expressão no meio especializado. Foi o engenheiro da Prefeitura que escrevera sobre o Plano Geral de Remodelação do Rio de Janeiro. Para ele o *"Plano Agache"* encerra soluções aceitáveis para várias questões fundamentais da Cidade do Rio de Janeiro. Como técnico Godoy procurou defender o *"Plano Agache"* como uma das grandes conquistas feitas pela cidade. Como figura central no debate sobre o urbanismo no Brasil, atuação de Godoy no campo profissional torna-se fundamental para a consolidação da disciplina no País. Ele nos induz a crer que o urbanismo não chegou ao Brasil com Agache em 1927 e com Le Corbusier em 1929, ou com os primeiros projetos de Lúcio Costa, mas já estava presente desde 1896, quando se referência aos programas e planos de conjunto de Saturnino de Brito e evidência uma série de outros exemplos e realizações que o impulsionou na vida profissional.

As visões alternativas sobre o que seja uma boa cidade, presentes no movimento urbanístico internacional nos anos de 1880 a 1940, fizeram parte do contexto cultural do engenheiro Armando Augusto de Godoy. Ao defender na imprensa a contratação

de um urbanista para a remodelação do Rio de Janeiro, Godoy demonstrou estar atualizado com a prática profissional no exterior, ao propor que se imitasse a cidade de Barcelona que, para tarefa similar, contratara o urbanista francês Jaussely.

Para conseguir tão elevado "desideratum" cumpre fazer vir um urbanista de nome, com as luzes indispensáveis e a independência necessária para traçar e conceber um plano completo de remodelação, compreendendo todas as faces do nosso problema urbano, a reconstituição lenta e a expansão respectiva de todos os órgãos desta cidade, e visando o estabelecimento de sua harmonia, como já se fez para várias cidades dos Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha, Espanha, França, Japão, etc. Naturalmente, um projeto de tal magnitude, cuja concepção e organização exigem mais de ano, não se poderá executar senão lentamente, através de alguns lustros. Imitemos a cidade de Barcelona, cujo governo, justamente em 1903, quando se iniciava a remodelação desta cidade, mais bem orientado do que o nosso, convidou um dos mais conceituados urbanistas franceses, Jaussely, para, assistido de auxiliares de sua confiança, organizar o plano de remodelação da mencionada cidade catalã, o qual só foi concluído no fim de bem largo tempo. (Godoy, [1926]1943, p.39-40)

Para a adequada elaboração de um plano de remodelação, Godoy considera imprescindível a concorrência de três condições: o conhecimento do tecido urbano existente, o estabelecimento de um programa de transformações e de expansões e as condições de viabilização financeira sob responsabilidade da municipalidade:

O urbanismo surgiu e foi instituído para pôr ordem nos agrupamentos urbanos, para orientar e sistematizar as transformações contínuas a que estão sujeitas as cidades. Para conseguir tal 'desideratum', é indispensável um estudo profundo do passado, da evolução realizada, das condições físicas e das tendências da 'urbs' que se está considerando. Concluído esse estudo, que reclama uma investigação rigorosa, sem a qual não podem prever as necessidades futuras e regular as modificações e transformações, o urbanista pode, então, elaborar o seu plano, que compreende e indica todas as obras que fizer no sub-solo e na superfície da cidade". (Godoy, [1931]1943, p.69).

Nas palavras de Godoy podem ser identificadas as ideias norte-americanas que durante os anos 20 e 30 foram aplicadas pelo grupo de planejadores da Regional Planning Association of America a uma grande variedade de contextos britânicos. Nesse período, os profissionais americanos e britânicos mantiveram imenso tráfego transatlântico em ambos os sentidos. Como evidenciado nesta citação de Peter Hall:

Thomas Adams atravessa o oceano quase todos os anos, entre 1911 e 1938; Stein e Wright encontram-se com Howard e Unwin na Inglaterra em 1923; Geddes entrou em contato com a "Regional Planning Association of America", em 1923, Unwin e Howard em 1925. (HALL, 1988, p.191)

Ao defender a ideia da elaboração de planos globais de remodelação da cidade, Godoy toma como parâmetro a contemporânea disciplina do town-planning dos ingleses. Considera inadmissível a remodelação de trechos de uma metrópole, como praças, avenidas, seguindo a orientação de um simples sonhador e sem levar em consideração as necessidades plenas da cidade. Daí, o grande valor que atribui ao urbanismo.

Já não estamos na época em que se permitia a qualquer administrador, segundo sua fantasia, remodelar um arrabalde, abrir uma praça, rasgar uma

avenida. Não, tal época já se foi. Hoje, já se há constituído um complexo ramo de engenharia, a que deram o nome de Urbanismo, – Town-planning entre os ingleses, no qual se estudam as principais leis e regras relativas aos fenômenos urbanos”. (Godoy, [1926]1943, p.38)

No seu entender, a administração pública e o meio social e político são elementos fundamentais para o sucesso da organização e a correta aplicação de um plano geral de remodelação da cidade:

É pena que até hoje a nossa situação, a falta de orientação do meio social e político, que tantos embaraços oferecem aos nossos prefeitos, assim como a lamentável e disparatada falta de cooperação de vários serviços públicos, não tenham permitido aos sucessivos governos municipais a organização de um plano geral e completo de remodelação desta capital”. (Godoy, [1926]1943, p.39)

A diminuição dos gastos públicos é um dos argumentos usados por Godoy para a adoção de um plano nacional, sistemático, de execução metódica:

É preciso fazer sentir que a execução metódica de uma plano racional de melhoramentos tem uma vantagem de diminuir as despesas determinadas pelas obras de transformação, por fazer que se sucedam segundo sua ordem de dependência. Quando tais obras se não realizam em obediência a um plano bem traçado, obedecendo, portanto, a uma tradição única, elas entram em conflito, contrariam-se e dão lugar a despesas bem maiores como já tem acontecido no Rio”. (Godoy, 1943, p.40)

Porém, lembra Godoy, para que se viabilize uma intervenção efetiva de remodelação de toda a cidade, é preciso ter consciência da necessidade do domínio técnico da topografia do terreno e da necessidade do levantamento cadastral. Seus argumentos e atitude, nesse contexto, em relação ao Rio de Janeiro são semelhantes à que tem Verniquet – o engenheiro que viabilizara a intervenção de Haussmann – em relação à cidade de Paris.

No que diz respeito ao dialogo entre o Brasil e Europa em Planejamento, temos a tentativa de Agache de observar a cidade do Rio de Janeiro à luz da metáfora organicista e do procedimento terapêutico em que veementemente acreditava. Agache partilhava a concepção organicista da cidade difundida na época e, sobretudo, as teorias do biólogo escocês Patrick Geddes. Assumia o trabalho do urbanista como similar àqueles dos médicos, ou seja, a missão do urbanista seria diagnosticar, além disso, trata o caso patológico das cidades focalizando as funções urbanas. O plano de Alfred Agache para o Rio de Janeiro analisado por Marisol R. Sosa e Roberto Segre joga luz sobre as primeiras interpretações de Agache referentes a cidade do Rio de Janeiro e revela suas interlocuções (PEREIRA, 2013)⁴.

Agache se manterá, em Godoy, como uma expressão viva da cultura francesa, presente no planejamento de suas inúmeras obras de arquiteto e de urbanista. Ele veio consolidar "definitivamente um novo campo do saber e poder que vinha sendo lentamente delineado no Brasil – o Urbanismo. (...) Agache tem um papel catalizador na consolidação de um projeto de reforma da cidade que prenuncia o ideário de construção de uma nova sociedade e de um novo Estado".⁵

⁴ PEREIRA, Elson M. Planejamento Urbano no Brasil: conceitos, diálogos e práticas. 2ª ed. Ver. Atual – Chapecó: Argos, 2013, 235. P.(debates: 3)

⁵ Ribeiro, Luiz Cezar de Queiroz. Comentário feito no livro "O Rio de Janeiro em Questão: O Plano Agache e o Ideário Reformista dos Anos 20", de Denise Cabral Stuckenbruck, 1996.

Numa ligeira referência relativa às ligações intelectuais, morais e políticas com a França destaca a ação da engenharia francesa no Brasil nas atuações do Engenheiro *Louis Léger Vauthier* - aluno da *Escole Polytechnique de Paris* - que juntamente a outros franceses, segundo Gilberto Freyre, foram entre nós mais que "*agentes técnicos*", mas também representantes da cultura francesa, na primeira metade do século XIX, verdadeiros precursores da ação de Alfred Agache e do contingente da técnica e dos técnicos franceses.

A vinda de *Agache* foi de grande utilidade para o Brasil. Com sua vinda os princípios do Urbanismo ficaram em evidência e atraíram o pensamento de alguns governos estaduais. Para Armando Augusto de Godoy o "*Plano Agache*" encerra soluções aceitáveis para várias questões fundamentais da Cidade do Rio de Janeiro. Agache fará vários discípulos no Brasil dos quais Atílio Corrêa Lima e Armando Augusto de Godoy "*foram verdadeiros paradigmas*".

A consolidação do urbanismo no Brasil, na primeira metade do século XX, no âmbito do campo disciplinar da engenharia, e não ainda da arquitetura, apresenta um problema interpretativo, desenvolvido em estudo de Denise Cabral, que deve ser posto em questão: a da disputa de mercado pelo urbanismo, do "mercado emergente de intervenção na cidade" (STUNCKENBRUCK, 1996). Neste caso, para Rodrigo Farias (2007) o que existe são entradas diferentes nas questões urbanas, que se dão pelos dois campos disciplinares em questão; e no caso da engenharia não só pela intervenção em si, mas na conformação dos processos que necessariamente passavam pela criação daqueles serviços em âmbito público municipal. Os arquitetos não estão inseridos, ainda neste momento, nessa estruturação do urbanismo na esfera pública, ocorrendo somente a partir da criação das faculdades de arquitetura e urbanismo no final da década de 1940 (LEME, 2003). Somente após essa década é que a atuação dos arquitetos ocorrerá pela entrada das ideias do movimento moderno em arquitetura, articulado aos debates dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna.

Segundo Rodrigo Faria (2013) uma análise sobre a contratação e a importância do urbanista Alfred Agache, no ano de 1965, foi realizada por José de Oliveira Reis orientada pelo interesse em conhecer a "evolução urbanística da cidade". No diálogo de Reis, seja como leitor ou interlocutor, de Godoy fica claro a sua compreensão e posição favorável em relação à contratação de Alfred Agache e ao processo de institucionalização do urbanismo no Brasil, particularmente no Rio de Janeiro. O lugar profissional da engenharia na institucionalização do urbanismo no Brasil parece estar relacionado diretamente com a contratação de Alfred Agache para o estudo do primeiro plano de remodelação, extensão e embelezamento da cidade, *visando orientar seu crescimento normal, sistematizando sua expansão natural, metodizando sua vida coletiva e organizando-*

a administrativamente para atender suas necessidades futuras (REIS,1965 citado em FARIA, 2013 – p.29/30).

6. A cidade capital e a cidade moderna

É preciso reconhecer que como Engenheiro Municipal, de fato Godoy sentiu de perto os complexos problemas do Rio de Janeiro e acompanhou a evolução da Capital por vários governos que se sucederam sem harmonia de continuidade de ação. Ao analisar o pensamento urbanístico de Godoy através da Capital Federal - Rio de Janeiro - não há dúvida do vasto conhecimento adquirido e do legado deixado. Com linguagem despretensiosa, expõe os princípios do urbanismo, faz uma retrospectiva através dos séculos mostrando que a cidade é uma resultante dos elementos que a procuram através das vias de comunicação que para ela convergem. Mostra a dependência e subordinação da cidade às vias de comunicação terrestre, fluviais ou marítimas que sobre ela incidem.

"... Não se pode, pois, estudar a evolução de um centro urbano sem conhecer os eixos de circulação que nele se cruzam. Para se explicar, por exemplo, a fundação de Paris, não se pode abstrair da intersecção da magnífica estrada, construída pelos romanos, e que por aí passa, e o Rio Sena, importante via de comunicação fluvial. Porém, a importância da função que desempenha a estrada em relação à cidade cresceu com o desenvolvimento do comércio e da indústria."⁶

Como Presidente da primeira Comissão do Plano da Cidade de Remodelação e Embelezamento do Rio de Janeiro, Godoy fez, pelo rádio, palestras de propaganda do Plano e dos Princípios do Urbanismo. Estas preocupações denotam aspectos funcionais tão em voga na discussão sobre o caráter da cidade moderna. Para que os problemas humanos sejam resolvidos sem abalos, choques e excessos, Godoy orienta que é para o urbanismo que se deve apelar, entendendo urbanismo como *boa utilização dos terrenos, diminuição das desigualdades sociais, solução racional do problema da habitação; parques, jardins, 'play-grounds', templos, escolas, hospitais, bibliotecas, museus e meios de transporte bem distribuídos e localizados.*⁷

Diante da concepção e das principais condições de uma cidade moderna e sua ação civilizadora e econômica, Godoy conclui que *"quão longe estão de ser consideradas cidades modernas as nossas capitais. Para remodelá-las, afim de pôr ao nível de muitas que se encontram na Europa e nos Estados Unidos, é necessário um esforço contínuo, enérgico e bem orientado durante muitos lustros"*. Para ele a cidade moderna é a cidade capital, os atributos que a cidade moderna deve possuir são pensados para a cidade capital. Entendia que *"após vinte e quatro anos de remodelações parciais"*, sem que nenhuma *"obedecesse à segura orientação de uma bem comprovada autoridade em estética e higiene"*

⁶ Godoy, Armando Augusto de. "A Urbs e os Seus Problemas - A rodovia sob o ponto de vista do urbanismo através dos séculos", pág. 252-253.

⁷ Godoy, Armando Augusto de, "A Urbs e seus Problemas". Ver texto da conferência realizada por Godoy em São Paulo a convite da "Sociedade dos Amigos da Cidade", titulada: Algumas transformações e conquistas urbanas do Rio através de diferentes governos, em maio de 1936.

urbana, somente um plano completo de melhoramentos e expansão, organizado sob as vistas de um urbanista de renome universal” conduziria rumo à solução dos problemas fundamentais da cidade do Rio de Janeiro. Godoy percebe que é possível reverter os efeitos de algumas escolhas políticas, evitar erros e apropriar de métodos e procedimentos considerados positivos em exemplares relevantes de planos desenvolvidos para as cidades europeias e norte-americanas (MANSO, 2001).

Segundo o Engenheiro Francisco Batista de Oliveira⁸, Godoy urbanista patricio, considera a reforma da estética urbana, mais que uma simples preocupação de ordem profissional, um autêntico ideal, uma verdadeira aspiração. Godoy é figura central no debate sobre o urbanismo no Brasil. Sua atuação no campo profissional torna-se fundamental para a consolidação da disciplina no País, na medida em que terá, através de sua fala e escrita, uma atuação profissional de orientador e divulgador diante da necessidade de elaboração de planos de remodelação, expansão e embelezamento para o Rio de Janeiro. A principal intenção, junto a opinião pública, a exemplo de uma ação inteligente e dinâmica de Godoy, é de formar um ambiente favorável às intervenções urbanas e às aspirações de desenvolvimento e progresso contido dentro de um limite prático que permitisse levar à plena execução um plano de conjunto no modo mais “econômico e perfeito”, afim de que o cidade capital do Distrito Federal se transformasse em uma “urbs perfeitamente acabada”. (GODOY, 1943).

7. A cidade–jardim, a cidade-industrial e a mudança da capital goiana

Como os demais estados centrais do Brasil, possuidores de grandes extensões territoriais, Goiás também passou por várias experiências com o objetivo de atingir a prosperidade em épocas que antecederam a fase de larga expansão do capitalismo na economia nacional. Entre todas as tentativas, a ideia de mudança da capital goiana destaca-se como a principal medida para resolver os problemas do estado.

Decretado o Estado Novo, as forças políticas de 1930 buscavam sua legitimidade no espaço político goiano. Neste momento, o Estado toma para si a tarefa de construir a nação, ainda que à custa da centralização política e administrativa. Ao debater a questão, argumentava Pedro Ludovico Teixeira que dois outros estados da Federação – Sergipe e Minas Gerais – tinham obtido sucesso total ao mudar suas capitais em 1855 e 1897, respectivamente. Era a melhor forma que encontrava para demonstrar o desejo e a necessidade que tinham os goianos de participar do projeto nacional. O discurso do progresso definia, assim, os ideais a serem conquistados. Este ponto de vista encontra ressonância na seguinte observação do urbanista Godoy:

⁸ Presidente do Comité Nacional de Urbanismo, em 1943, no prefácio do livro “*A urbs e seus problema*” de Armando Augusto de Godoy.

“Atribuo o pouco ponderável progresso de nosso Estado ao fato de nele ainda não ter podido surgir um centro urbano com todos os elementos necessários para se expandirem e estimularem as múltiplas atividades que caracterizam a vida econômica e social de um povo. Esta necessidade se vem impondo há muito tempo e vós e outros goianos ilustres, bem como vários homens importantes que visitaram Goiás, compreenderam que não se pode adiar a solução de tal problema, tão premente ele se apresenta”. (Godoy, [1933]1943, p.213).

Costuma-se mencionar a transferência da capital do estado de Minas Gerais da colonial Ouro Preto para a cidade de Belo Horizonte (1896) como símbolo deste anseio de modernização urbana no Brasil e conseqüente negação das estruturas urbanas coloniais que podiam ser encontrados na virada do século XIX para o século XX. As evidências de algumas transformações urbanas no Rio de Janeiro e nas principais conquistas daquela capital no campo do urbanismo no decorrer de várias administrações, passam a ser observadas sobremaneira nos aspectos sistematizados com muita propriedade por Godoy.

Em seus aspectos globais, o movimento que levou à mudança da capital mineira é, no conjunto, o que mais se assemelha ao processo que determinou a transferência da capital goiana. Para muitos, a mudança da capital do estado de Goiás reflete o vigoroso impulso da civilização. O domínio completo do patrimônio que nos legou o espírito bandeirante teve em Goiânia a sua primeira e vitoriosa etapa. Goiânia é um exemplo de compreensão objetiva dos problemas nacionais na década de 1930;

Nos dois casos, em Minas Gerais e Goiás, houve forte campanha contra a mudança, sob o argumento central de que a situação financeira das unidades federativas desaconselhava medida de tamanho vulto. Em contrapartida, os mudancistas apostavam no acerto da medida e das conseqüências “salutares e fecundas” que resultariam da deslocação do eixo econômico e administrativo para uma região onde fosse possível incrementar o ganho econômico e o bem-estar social de suas comunidades.

O planejamento das cidades, a organização hierárquica das vias e a definição de políticas de construção mediante códigos de edificações caracterizam uma parte da modernização dos grandes centros urbanos brasileiros a partir de 1930. Godoy neste período escreve um texto intitulado: “*A cidade-jardim*”, destacando o papel civilizador e a inegável utilidade social das cidades. Em sua opinião, a cidade deve ser pensada como um espaço em que a natureza esteja presente.

Godoy faz referência em seus textos de exemplos brasileiros influenciados pelas ideias de Howard. Refere-se à São Paulo, onde a partir de 1913 deu-se a instalação da City of São Paulo Improvements and Freehold Company Ltd., e à cidade do Rio de Janeiro, para qual Alfred Agache, em seu plano “A cidade do Rio de Janeiro: extensão, remodelação, embelezamento” (1930), propôs a criação de duas cidades-jardins – uma para a Ilha do Governador e outra para a Ilha de Paquetá. Godoy teve oportunidade de conhecer algumas cidades-jardins na Europa: Suresnes e Robinson, exemplos típicos de cidades destinadas

somente às famílias de operários. Ambas se encontram nos arredores de Paris e foram construídas por iniciativa e sob a direção do Comitê do Departamento do Sena.

Em 1932, Godoy publica outro texto, desta vez sobre cidades industriais modelares, no qual teceu alguns comentários sobre *Gary*, nos Estados Unidos, e *Magnitogorsk*, cujo plano foi confiado ao urbanista May-discípulo de Unwin, na União Soviética. Ele chama atenção também para os exemplos de planos desenvolvidos pelo governo russo, no período de 1918 a 1932. Destaca a cidade industrial de Tomás Bata, denominada de *Zlín*, situada na Tchecoslováquia. Segundo Godoy, o governo russo daquela época procurava imitar *Henry Ford*, *Carnegie*, *Gary* e outros capitães da indústria nos Estados Unidos. Godoy deixa transparecer a importância das obras públicas e da presença dos técnicos na concepção e construção destas cidades, procurando mostrar aos estadistas brasileiros que obras de grande vulto como *Gary* e *Magnitogorsk* trazem considerável alcance social. (GODOY, 1943, P.264)

Além de reportar a estes exemplos, Godoy procedeu a um levantamento de cidades realizadas na Itália, Rússia e Turquia, de considerável alcance social, que representavam a consagração dos princípios do urbanismo, não deixando de valorizar, em sua amostragem, o Plano Regulador de Roma. Ao analisar a abrangência do pensamento urbanístico de Godoy, não fica a menor dúvida quanto ao vasto conhecimento acumulado por esse engenheiro urbanista, cujo grande legado está registrado tanto nas intervenções do Rio de Janeiro quanto no contexto da mudança da capital goiana.

8. Goiânia: cidade nova, moderna, capital e planejada

Goiânia concebida por Attilio Corrêa Lima e parcialmente modificada por Armando Augusto de Godoy se destaca na historiografia do urbanismo brasileiro compondo o grupo de cidades novas, planejadas, constituídas-construídas durante o período de um século, que vai de 1855, com a criação de Aracaju, até 1960 com a inauguração de Brasília. Uma das primeiras menções que faz referência de Goiânia fora do Brasil foi escrita no livro de Wermer Hegemann, *City Planning Housing*, em seu vol. III, publicado em 1936, acompanhada de um desenho do Setor Sul, Hegemann nota que foi projetado um “*city planner*”, com “*a aplicação do padrão de ruas com cul-de-sac e um cinturão de parques circundando-as*” e informa que se tratava de uma “*cidade inteira planejada para uma população eventual de 50 mil*”. Do ponto de vista urbanístico, em um livro pouco mencionado, de Francis Violich, como título *Cities of Litn America. Housing and planning to the South*, publicado em 1944, encontram-se as primeiras referências sobre arquitetura e urbanismo moderno no Brasil. Violich (1944) observa que o plano da nova capital goiana representa o trabalho de vários planejadores e o pensamento de três escolas diferentes de planejamento “*(...) a grelha tradição colonial portuguesa; a escola francesa de diagonais e*

radiais, presentes no traçado de Lima; a seção Radburn projetada por Armando Augusto de Godoy, distintamente norte-americana". Pierre Lavedan, em livro clássico sobre a história do urbanismo contemporâneo, publicado em 1952, registra a cidade de Goiânia, conclui suas observações dizendo que conciliam-se em Goiânia modelos antagônicos de cidade. Passa-se da regularidade clássica do centro cívico, marcado por amplas avenidas, "parkways" e grandes espaços promotores de uma intensa circulação, para a sinuosidade das vias arborizadas de um bairro residencial, onde ruas radiais e anulares delimitam os setores que são penetrados apenas por vias sem saída (ANDRADE, 2004. p. 76/78).

9. Considerações Finais

No correr de sua longa militância como urbanista, Godoy sustentou várias campanhas sobre os diversos problemas de urbanização nas décadas de 1920 e 1930. No entanto, a do Plano de Remodelação do Rio de Janeiro foi a que mais provocou reações. A sua militância na defesa da resolução dos problemas do Rio de Janeiro e no que diz respeito aos princípios do urbanismo foi intensa. A complexidade com que se apresentavam os problemas urbanos da Capital Federal, na virada do século, não impediu que Godoy alimentasse a esperança de que, num futuro próximo, pudesse o Rio ser incluído no rol das melhores capitais.

Representante ativo da engenharia brasileira Godoy revela-se possuidor de dinamismo e de vasta literatura especializada, tendo visitado importantes cidades norte-americanas e europeias. A sua trajetória profissional esteve vinculada a uma atuação cuidadosa e definitiva em proveito da coletividade. Destaca-se por apresentar espírito pesquisador e articulador de problemas técnicos de toda ordem. Seus textos constitui importante legado de informações da urbanística brasileira apreciadas na primeira metade do século XX e sendo referências para os estudiosos da cidade nos dias atuais.

Algumas transformações urbanas no Rio de Janeiro, através de várias administrações e nas principais conquistas da Capital do Brasil no campo do Urbanismo, foram observadas e mencionadas por Godoy. Com o advento da cidade moderna, nos anos 20, no Brasil, o urbanismo aparece nos discursos técnicos de forma sistematizada. Os engenheiros tomaram o poder sobre a cidade, pois a racionalização propiciada pelo saber técnico permitiu-lhes agir de um modo geral, com amplo respaldo da elite local, exercendo importante papel na política municipal. Neste período o pensamento urbanístico de Godoy conservar-se atento às transformações das cidades. Destaca-se no seu discurso e nas suas intervenções a importância dada à atividade de divulgação da nova ciência do urbanismo para que se instaure uma prática de remodelação e construção das cidades no Brasil.

Godoy considera a cidade-jardim, seguindo os conceitos propostos e sintetizados por Ebenezer Howard (1850-1928), como a mais completa criação urbanística

de sua época. Foi com base nesse conceito e na ideia de concepção de uma cidade moderna de considerável alcance social que Godoy revelou o que pensava com relação à oportunidade de mudança da capital do Estado de Goiás.

Os deslocamentos de Minas Gerais para o Rio de Janeiro e para Goiás fizeram com que Godoy participasse ativamente nas intercorrências das transformações urbanas da cidade colonial do Rio antigo, da mudança da capital do Estado de Goiás e da concepção e construção do núcleo urbano inicial de Goiânia.

Referências

ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. A construção historiográfica da cidade e do urbanismo moderno no Brasil: o caso das cidades novas planejadas. In: PINHEIRO, Eloísa P.; GOMES, Marco Aurélio A. F. (orgs.). **A cidade como história: os arquitetos e a historiografia da cidade e do urbanismo**. Salvador: EDUFBA, 2004. p. 73/89.

BRANDÃO, Carlos A. L. Articulações e desarticulações da historiografia recente da arquitetura e do urbanismo. In: PINHEIRO, Eloísa P.; GOMES, Marco Aurélio A. F. (orgs.). **A cidade como história: os arquitetos e a historiografia da cidade e do urbanismo**. Salvador: EDUFBA, 2004. p. 209-221.

CALABI, Donatella. **História do Urbanismo europeu: questões, instrumentos, casos exemplares**. Trad. Marisa Barda, Anita Di Marco. SP: Perspectiva, 2012.

CARVALHO, Amanda Lima dos Santos. O Rio de Janeiro a partir da chegada da Corte Portuguesa: Planos, Intenções e Intervenções no século XIX. In: PEIXOTO, Elane Ribeiro; DERNTL, Maria Fernanda; PALAZZO, Pedro Paulo; TREVISAN, Ricardo (Orgs.) **Tempos e escalas da cidade e do urbanismo**: Anais do XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Brasília, DF: Universidade Brasília- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2014. Disponível em: <<http://www.shcu2014.com.br/content/rio-janeiro-partir-da-chegada-da-corte-portuguesa-planos-intencoes-e-intervencoes-no-seculo>>

FARIA, Rodrigo Santos de Faria. **José de Oliveira Reis, urbanista em construção: uma trajetória profissional no processo de institucionalização do urbanismo no Brasil (1926-1965/1966)**. Tese de Doutorado em História, IFCH-UNICAMP, 2007. Disponível em <http://www.arquivopublico.ribeiraopreto.sp.gov.br/scultura/arqpublico/artigo/tese/fariarodrigos-tese.pdf> - visitado em 04/09/2014.

FARIA, Rodrigo Santos de Faria. **O Urbanista e o Rio de Janeiro: José do Oliveira reis, uma biografia profissional**. São Paulo: Alameda, 2013. P. 29/30.

GODOY, Armando A. de. **A Urbs e os Seus Problemas**. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1943, P.264.

HALL, Peter. **Cidades do amanhã**. São Paulo: Perspectiva, 1988 - p. 18.

LEME, Maria Cristina da Silva. **Os desafios do urbanismo no Brasil: ensino e profissão**. In: **Urbanismo em questão**. Denise Barcellos Machado, Margareth da Silva Pereira, Rachel Coutinho Marques da Silva. Rio de Janeiro: UFRJ/PROURB, 2003.

MANSO, C. F.A. **Goiânia: uma concepção moderna e contemporânea – um certo olhar**. Goiânia: ed. do autor, 2001.

PEREIRA, Elson M. **Planejamento Urbano no Brasil: conceitos, diálogos e práticas**. 2ª ed. Ver. Atual – Chapecó: Argos, 2013, 235. P.(debates: 3)

PORTAS, N.; DOMINGUES, A.; CABRAL, J. **Políticas Urbanas: Tendências, estratégias e oportunidades**. Lisboa: CEFA/FCG, 2003 – p.5.

RYKWERT, J. **A Sedução do Lugar: a história e o futuro da cidade**. Trad. Valter Lellis Siqueira. SP: Martins Fontes, 2004.

STUCKENBRUCK, D C. **O Rio de Janeiro em Questão: O Plano Agache e o Ideário Reformista dos Anos 20**. Rio de Janeiro: Observatório de Políticas Urbanas / IPPUR / FASE, 1996.